

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

IDENTIDADES JUVENIS: RECORTES PARA O ENTENDIMENTO DA. SOCIABILIDADE VIOLENTA NA PERIFERIA DO RECIFE.

Valéria Torres da Costa e Silva y Vívian Silva.

Cita:

Valéria Torres da Costa e Silva y Vívian Silva (2009). *IDENTIDADES JUVENIS: RECORTES PARA O ENTENDIMENTO DA. SOCIABILIDADE VIOLENTA NA PERIFERIA DO RECIFE. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1786>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

IDENTIDADES JUVENIS: RECORTES PARA O ENTENDIMENTO DA SOCIABILIDADE VIOLENTA NA PERIFERIA DO RECIFE.

Valéria Torres da Costa e Silva¹

Vívian Silva²

Introdução

Este estudo apresenta os resultados preliminares de uma pesquisa qualitativa³ realizada no ano de 2008 com jovens moradores da periferia do Recife. As narrativas desses atores sociais sobre as dinâmicas sociais de criminalidade, bem como as suas possibilidades de interação em espaços de convivência do bairro onde moram formaram o *corpus*⁴ discursivo deste estudo. O objetivo da pesquisa foi identificar as dinâmicas de interação social entre a juventude do bairro de San Martin, destacando, em particular as formas de sociabilidade violenta. Foram ouvidos vinte e dois jovens com idades entre dezessete e vinte e nove anos.

Destacam-se algumas dificuldades encontradas nas primeiras visitas à localidade de San Martin. Um dos obstáculos enfrentados durante a realização da pesquisa foi a escassa presença de jovens nas ruas do bairro, especialmente no turno da manhã, a paisagem era de poucas pessoas nas calçadas. As visitas à comunidade passaram a ser realizadas no turno da tarde, momento em que os espaços públicos começavam a ser ocupados pelos moradores; jovens conversavam nas esquinas; mães levavam os filhos às escolas; os moradores faziam compras em mercadinhos; alguns jovens ficavam sentados em frente às suas casas observando o movimento; outros caminhavam em grupos; outros ainda reuniam-se em bares.

Outro obstáculo foi estabelecer contatos com informantes-chave - líderes comunitários, moradores mais antigos, educadores do bairro, que não foram localizados facilmente. Tal peculiaridade levou a abordagens corpo a corpo com o público alvo que circulava nas ruas do bairro de San Martin sem intermédio de eventuais facilitadores do trabalho de campo. O contato com os informantes não se deu através de indicações,

¹ Professora Visitante do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS/UFPE. Co-líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Violência, Criminalidade e Políticas Públicas – NEPS/UFPE. valcostaesilva@gmail.com

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS/UFPE. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Violência, Criminalidade e Políticas Públicas – NEPS/UFPE. vivianfeers@yahoo.com.br

³ Denominada *Motivações de Homicídios: dimensões qualitativas e dinâmicas sociais da criminalidade violenta em Pernambuco* que está sendo realizada por integrantes do grupo de pesquisa pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Criminalidade, Violência e Políticas Públicas de Segurança – NEPS-UFPE.

⁴ Ver Bauer e Gaskell (2002).

portanto, não foram entrevistados membros de uma mesma família, moradores de uma mesma casa, amigos próximos. Isto atribuiu um caráter de maior pluralidade na formação do *corpus* discursivo da pesquisa. Vencidos tais empecilhos, as entrevistas semi-estruturadas foram realizadas. As pesquisadoras assumiram o compromisso, com todos entrevistados, de não revelar nomes, lugares ou circunstâncias que pudessem identificá-los.

Notas sobre o procedimento de descrição do corpus discursivo.

Os relatos das entrevistas foram coletados em gravador digital e passados para a forma de texto via transcrição. A transformação destes dados coletados em um *corpus* envolveu a utilização de determinados procedimentos metodológicos de sistematização dos depoimentos para posterior análise do material. Para este procedimento utilizou-se o *software* NVIVO para auxiliar na seleção e organização das entrevistas.

Ainda no que se refere ao *corpus* discursivo das identidades juvenis foram trabalhadas as percepções dos jovens sobre a condição juvenil e as relações entre os pares. Através da análise do discurso evidenciou-se que o cotidiano de criminalidade permeia as trajetórias de vida dos jovens na periferia do Recife, conformando suas visões de mundo, sua afetividade, seus valores e suas redes de relações, ainda quando optam por um não-envolvimento em atividades ilegais e criminosas.

Juventude: percepções e vivências

Resgatando Goffman (1985) as relações que travamos não acontecem no vazio. Estamos todos submetidos a um jogo de classificações. Essas classificações são construídas a partir de idéias, situações, experiências, comparações e analogias. Por outro lado, é a busca pela visibilidade social, que alguns jovens procuram nas ruas da periferia, através do fascínio por *status* e/ou pela arma de fogo, as quais podem representar reconhecimento e poder dentro de uma determinada comunidade. Dentro desta realidade social, o que significa ser jovem?

Para os entrevistados em geral, ser jovem é diversão e curtidão, elementos próprios do mundo juvenil. A menor carga de responsabilidades (para alguns jovens de San Martin), principalmente atreladas á jornada de trabalho, possibilita aos jovens se divertirem e curtirem a vida. Na fala dos entrevistados⁵ frequentar shows e festas no

⁵ Convencionou-se nesta pesquisa a sigla jovem 1, jovem 2, jovem 3 e assim sucessivamente para identificar os entrevistados preservando seus nomes verdadeiros. Ao lado da identificação temos o sexo do entrevistado H- homens e M- mulheres e por fim indica-se a idade do(a) informante. Por exemplo, o Jovem 16 é um homem de 19 anos. Ressalta-se que todos(as) informantes são moradores do bairro de San Martin.

espaço público da Praça de San Martin, ir ao clube e o acesso a campos de futebol são maneiras de estimular a convivência coletiva entre diversos grupos juvenis existentes no bairro e vivenciar coletivamente a experiência juvenil.

Os jovens ocupam a praça também em busca de diversão. Os entrevistados relataram que diversas atividades já ocorreram na praça: apresentação de circo, eventos de rádio, shows e animações diversas. Os entrevistados foram inquiridos sobre como ocupavam as horas de lazer; jogar “pelada” em San Martin ainda é a boa pedida para momentos de descontração. Grande parte dos informantes afirma que freqüentam a praia regularmente bem como o Clube BNH.

Os entrevistados definiram a condição ideal de Ser jovem. Em geral é diversão e curtidão enquanto (alguns) não assumem responsabilidades próprias de um mundo adulto. Segundo os informantes o jovem deveria em tese *curtir a vida*.

A juventude pra mim é a pessoa saber curtir a vida com moderação, trabalhando, ter à hora do lazer, ter a hora do final de semana pra tomar uma cervejinha com a rapaziada, ir pra um show, ir pra uma praia, pra um clube. Saber se divertir, mas também ser responsável (...). A juventude pra mim é a pessoa saber curtir a vida com moderação, trabalhando, ter à hora do lazer, ter a hora do final de semana pra tomar uma cervejinha com a rapaziada, ir pra um show, ir pra uma praia, pra um clube. Saber se divertir, mas também ser responsável. (Jovem 14,H,,23)

De acordo com os informantes ser jovem não é somente diversão é também responsabilidade. Eles colocam em relevo que ser jovem é conviver com a possibilidade da entrada no caminho da “vida errada”⁶ e de tornar-se uma vítima preferencial no mundo do crime. Assim a juventude pode ser brutalmente interrompida por conta da criminalidade violenta que assola a comunidade. Nota-se que alguns entrevistados destacam que ser jovem é manter-se vivo e poder atingir e ultrapassar a maior idade.

Para boa parte dos informantes o ócio não é bem visto, ou seja, ficar no bairro sem fazer nada talvez possa ser um ponto de partida para a inserção em atividades ilegítimas. Para muitos jovens informantes a condição de ser jovem no bairro está diretamente relacionada ao envolvimento com drogas. Essa situação pode ser evidenciada nas atividades de consumo, tráfico e rixas em que os jovens se envolvem. Isto fica evidente nos discursos dos pesquisados.

Os jovens hoje em dia pra sobreviver aqui na comunidade, ele tem que ter

⁶ É a maneira como os jovens referem-se aos seus pares que optaram por uma vida imersa no universo das drogas, homicídios etc.

Conheço, muito jovem mesmo que não chegou aos seus 18 anos não. Tem nem o que dizer... Pra San Martin aqui é tipo ser um escravo dos outros, porque o povo aqui gosta de escravizar muito os jovens. De tudo, de drogas, de emprego também não paga certo... Tudo isso. (Jovem 16,H,19)

Nesse contexto do submundo das drogas, o medo da morte acompanha as trajetórias das vivências juvenis. Os entrevistados falaram de dilemas e impasses que surgem a partir da problemática da falta de emprego e da inserção no universo das drogas. Eles disseram que se o jovem está inserido no mundo dos entorpecentes ele é um escravo, assim como quando está trabalhando em subempregos e ganhando pouco também é escravo. Os entrevistados contestaram a carência de recursos financeiros, afirmando que os dois caminhos possíveis de sobrevivência - emprego e drogas - convergem para a condição de escravidão.

O conteúdo das entrevistas sublinha que as drogas permeiam grande parte das reflexões que os jovens entrevistados desenvolveram ao longo das entrevistas. Em suas palavras:

Drogas, consumo e vendas, matança.[já usou?] Já. Maconha, pó, menos pedra.[atualmente] Só maconha(...)/ Já vendeu droga? Já. Ganhava bem. 100 reais por dia. Saía. Usava pó e tudo que tinha direito (Jovem 12,H,24)

O reconhecimento que o jovem obtém, por exemplo, ao pertencer há uma gangue está relacionado a uma identidade construída no sentido de que essas organizações contam com uma estrutura baseada na entrada precoce de jovens no tráfico, ou seja na valorização por esses jovens da posse de arma, do controle da “boca de fumo”, do dinheiro no bolso, do uso de roupas de marca, da posição para matar, dos símbolos de poder, riqueza e prestígio. Esse tipo de identidade é analisada por Zaluar (1985) ao investigar a oposição “bandido” versus “trabalhador”. Interessante então é pensar, nas construções identitárias que se formam durante as interações entre os atores sociais em determinados contextos.

Os entrevistados dizem que em relação às práticas cotidianas do mundo da criminalidade, jovens homens e mulheres praticam as mesmas atividades. Embora, o envolvimento das mulheres com o tráfico de drogas pareça chamar mais a atenção dos entrevistados. Inclusive a disponibilidade de armas permite que haja uma possibilidade de algumas jovens mulheres andarem armadas.

Eu acho que não tem muita diferença não de um homem e uma mulher jovem. Ultimamente não tem muita diferença. Hoje você pode vê na criminalidade, homem e mulher se envolvendo em drogas, homens e mulheres juntos. (Jovem 21,H,24)

Existe uma contradição nas falas dos entrevistados que se referem ao papel da mulher no universo da criminalidade, pois alguns acreditam que elas se envolvem na “vida errada” tanto quanto os homens e outros afirmam que elas se envolvem menos nestas atividades. Destaca-se que em geral os depoimentos acima referem-se á visão dos homens sobre as mulheres. De acordo com a maior parte dos informantes do bairro de San Martin, as possíveis diferenças nas vivências de gênero residem no fato de que as jovens não se envolvem tanto em práticas violentas quanto os homens. Segundo os entrevistados quando isso ocorre á atividade mais comum das meninas gira em torno da associação ao mundo das drogas no papel de “colaboradoras”, “facilitadoras” em atividades como transportar entorpecentes. É possível detectar na fala dos jovens que as mulheres estariam mais amarradas ao espaço privado do que o espaço público e, talvez por isso elas não se envolvam tanto quanto os jovens na “vida errada”.

De acordo com boa parte dos entrevistados a violência aumentou no bairro de San Martin nos últimos anos. Assim, a paisagem da comunidade é composta de episódios como: roubos, assaltos, tiros, assassinatos, dentre outras situações de violência e medo relatadas em todas as entrevistas e confidenciais em conversas paralelas entre as pesquisadoras e a rede de informantes.

Grande parte dos (as) entrevistados (as) já foram espectadores (as) e vítimas de cenas violentas na localidade, ou seja, já “sentiram na pele” os efeitos da criminalidade violenta que assola a população de San Martin. Quase sempre estas situações são vivenciadas nos espaços comuns de convivência social, em local público. Muitas vezes os episódios de violência se desenvolvem em plena luz do dia e até mesmo dentro das residências. Isto fica evidente nos relatos abaixo:

Já dois colegas meus mesmo que a gente ia pra jogo junto e tudo do Santa cruz e mataram ai dentro de favela, eles estavam envolvidos em drogas, se envolveram ai foi triste pra eles(Jovem 15,H,23).

Tarefa complicada é como definir uma sociabilidade violenta. De qualquer maneira, a abordagem deste conceito é complexa. De acordo com Herschmann (2005) é interessante voltarmos para as representações da violência, sublinhando o modo pelo qual ela ganha visibilidade, enfatizando o papel fundador e estruturador da violência. Silva (2000) afirma que a violência urbana é real, concreta, e reconhecemos com pouca margem de dúvidas, qual o complexo de práticas e relações sociais por ela designado. Em suma: sabemos o que é *violência urbana*. Machado da Silva (2000) vai além, e a

partir desse contexto lança sua proposta metodológica. Ele considera o conceito de sociabilidade violenta como categoria sociológica explicativa.

Sugere-se que a representação da violência urbana reconhece um padrão específico de sociabilidade, que será chamado de sociabilidade violenta. Na sua descrição, é possível começar lembrando a característica central da representação da violência urbana é captar e expressar uma ordem social, mais do que um conjunto de comportamentos isolados. Ou seja, as ameaças à integridade física e patrimonial provém de um complexo orgânico de práticas, e não de ações individuais. Assim, pode apresentar-se a característica mais essencial da sociabilidade violenta como a transformação da força, de meio de obtenção de alguns interesses, no próprio princípio de regulação das relações sociais estabelecidas (SILVA:2000, p. 39) .

Além da narração de episódios de práticas violentas, os jovens relatam que já perderam amigos, familiares, conhecidos, ou alguém próximo já faleceu em meio à paisagem de criminalidade que compõe o bairro. Durante as entrevistas quase a totalidade dos entrevistados contaram em quais circunstâncias violentas pessoas de suas relações sociais foram assassinadas. Suas falas sugerem, ainda, que esses jovens das camadas populares convivem cotidianamente com o tráfico de drogas, com a corrupção policial, com o medo e com a banalização da morte⁷ (Zaluar:1997).

Tava no show de San Martin, ai na praça de eventos, ai tava eu meu namorado e um amigo dele, aí veio dois boys na bicicleta e saiu atirando no meu amigo, meu amigo tá até hoje alejado (...) Foi, e a gente correu... Ninguém sabe o motivo ate hoje. (Jovem 20, M, 16)

Zaluar (1997) aponta em seus estudos sobre juventude e violência para um universo alicerçado na existência de uma série de valores: como honra, pertencimento, organização, e tantos outros que podem orientar grupos de jovens como as gangues.

Considerações Finais

Nossos dados corroboram que em geral, é muito importante para os jovens pertencer a grupos e manter relações solidárias, que garantem e reforçam a liberdade individual; aí porque diferentes formas de agrupamentos juvenis compõem hoje a paisagem social das grandes cidades, apresentando uma variedade de arranjos interativos que vão das tribos urbanas às quadrilhas de traficantes, passando pelas galeras *funk* e pelas gangues de bairro isto tem impacto na realidade social vivenciada por todos os jovens de uma comunidade.

⁷ Trecho de uma entrevista que realizei com uma jovem de 26 anos, moradora da periferia do Recife. Sobre as últimas mortes que ocorreram no bairro, ela relatou: *Assim...Eu me acostumei. Você não se choca. De tanto você ver, você presenciar, você ouvir falar que você.....se banilizou . Você não vê como "- Ah meu Deus que violência!" Não! Porque você tá sempre presenciando. È matou, tá amanhã é outra história.*

As reflexões aqui realizadas têm como objetivo ampliar a discussão sobre as dinâmicas sociais de criminalidade, bem como as possibilidades de interação dos jovens na periferia da capital pernambucana. Lembrando que os resultados apresentados neste *papper* são preliminares, pois correspondem a uma pesquisa maior intitulada *Motivações de Homicídios: dimensões qualitativas e dinâmicas sociais da criminalidade violenta em Pernambuco* que está sendo desenvolvida com o intuito de complementar o diagnóstico da criminalidade violenta em Pernambuco. É importante sublinhar que estas considerações finais dizem respeito a uma abordagem da realidade, através do conteúdo discursivo dos jovens do bairro de San Martin, ou seja, uma leitura realizada por meio de uma determinada inserção no campo e de um referencial teórico advindo do interacionismo simbólico e de outros autores.

A formação de identidades juvenis imersas em um cotidiano de sociabilidade violenta pode ser observada a partir dos discursos dos sujeitos desta pesquisa, que em sua maioria, se movem a partir da lógica do trabalho, da escola, pela busca de emprego ou de estratégias possíveis de sobrevivência ou até mesmo pelo ócio. Suas vidas encontraram-se, em algum momento, marcadas por situações explícitas de violência que envolveram membros de suas relações sociais conforme mostraram os relatos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAUER, W. Martin & GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2002.

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais.** São Paulo: Hucitec, 1997.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 1985.

MACHADO DA SILVA, Luis Antonio. **Violência e agenda pública.** Democracia Viva. Rio de Janeiro, n.8, 2000.

MAY, Tim. **Pesquisa Social: questões, métodos e processos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

TEIXEIRA NICHE, Alex; BECKER, Fernando. **Novas possibilidades da pesquisa qualitativa via sistema CAQDAS.** In: TAVARES DOS SANTOS, José Vicente;

ZALUAR, Alba. **Gangues, Galeras e Quadrilhas: globalização, juventude e violência.** IN: VIANA, Hermano (org). Galeras cariocas – territórios e conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.